

Pioneiros Princesinos

(Anibal M. Correia - Especial para "TAPEJARA")

Lendo o "Diário dos Campos" de 22 de fevereiro de 1952, despertou-me a atenção o artigo intitulado "As fontes vitais do município" nele publicado.

Os homens ali apresentados, valores que ligaram os seus nomes ao progresso da "Princesa dos Campos", desta "Capital Cívica do Paraná", eu os conheci pessoalmente: Dr. Jerônimo Cabral, fino beletrista, professor Becker, matemático e filósofo, Cel. Ernesto Vilela, do alto comércio e operoso Prefeito Municipal. Tantos homens e mulheres de valor têm passado por estas plagas — cidade-jóia do interior do Paraná.

Louvando os objetivos do vespertino pontagrossense achei justo, também, sejam lembrados os nomes e feitos de mais dois pontagrossenses de coração, que foram: Luiz José da Silva e Jacob Holzmänn.

Jacob Holzmänn incrementou e desenvolveu a imprensa e o cinema; criou e desenvolveu as indústrias de cortume, sapataria e alfaiataria. E diga-se com firmeza — amou e difundiu a arte musical. A "Banda do Jacob", a orquestra do "Renascimento" e a alfaiataria dos Holzmänn ninguém as igualou e até hoje vivem na alma do povo desta cidade, no espírito da família pontagrossense.

Luiz José da Silva deu à cidade de Ponta Grossa um parque de viticultura como outro ainda não há no Brasil.

A "Chácara Labor", banhada pelo arrôio do "Pilão de Pedra", teve por certo o seu encanto. Ali o laborioso e honesto viticultor de precisão, brasileiro da gema, filho da velha e poética Guaratuba, era tido como sendo português nato de Portugal. Tal era o seu bom gosto e arte na cultura da videira. Pois, conseguiu aclimatar vinte e duas qualidades de uvas européias.

Os bacelos dessas uvas, diga-se de passagem, foram espalhados por pessoas que desconhecem a sua procedência, assim, não dão o devido valor em sua cultura, degenerando a espécie.

Dentre as vinte e duas qualidades aclimatadas, destaca-se a "Moscatel de Hamburgo", qualidade rara no Brasil. Essa qualidade, quando cultivada em estufas, dá o mesmo tipo europeu.

A preciosa existência de José Luiz da Silva contou com trinta anos inteiramente dedicados ao desenvolvimento da pomicultura em Ponta Grossa, mantendo intercâmbio com as mais importantes organizações no gênero em São Paulo, Rio Grande do Sul e mesmo no Paraná. Por sua conta mandou a Portugal um seu camarada português para trazer da Europa qualidades de videira que no Brasil não se encontravam. De trinta e tantas qualidades importadas, mais de uma dezena não se aclimatou. Nesse tempo, cada bacelo custava cem mil réis.

O "Album do Paraná", a brilhante revista de José Pedro da Trindade, assim apreciou a "Chácara Labor": "Sua senhoria conseguiu dotar Ponta Grossa de um belo parque, cortado pelo arrôio "Pilão de Pedra" e junto a ele se encontra a aprazível "Vila Luiz Silva".

Como tôdas as coisas na vida têm o seu tempo, a "Chácara Labor" morreu. Aparecem, por vezes, as lágrimas da saudade.

A imprensa, a música, o cortume, o cinema, em Ponta Grossa, hoje, são bem diferentes, mas as saudades dos tempos idos e das pessoas como Jacob Holzmänn e Luiz Silva permanecem nos corações e na lembrança da família pontagrossense.